

1 - Igreja da vera Cruz



A Paróquia da Vera Cruz de Aveiro foi criada em 10 de Julho de 1572, pela divisão da primitiva paróquia de São Miguel de Aveiro em quatro freguesias distintas. É, na actualidade, uma das duas paróquias correspondentes ao núcleo central da cidade de Aveiro, anexando, por alvará de 11 de Outubro de 1835, a antiga freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Aveiro.

A sua igreja paroquial é hoje a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação de Aveiro, outrora igreja paroquial da extinta freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Aveiro.

Tem anexas mais cinco capelas da sua jurisdição, a saber: a Capela de São Gonçalo de Aveiro, no Bairro da Beira-Mar; a Capela de Nossa Senhora da Febres também denominada de São Roque de Aveiro, junto ao canal de São Roque; Capela de Nossa Senhora da Alegria também denominada de São Sebastião, antiga sede da antiquíssima Confraria de mareantes e pescador de Santa Maria de Sá; e a Capela do Senhor Jesus das Barrocas.

Tem Centro Social Paroquial da Vera Cruz, em edifício anexo à igreja paroquial, instituído em 1 de Fevereiro de 1972. Tem a instituição Património dos Pobres, instituída em 11 de Março de 1969. Tem o agrupamento de Escuteiros 283, tendo como Patrono São Gonçalo.

À freguesia da Vera Cruz, após a divisão paroquial de 1572, ficou então a pertencer o território compreendido entre a ponte das Almas, no canal central, a Rua Larga e a Rua do Vento até ao fim, a ria, o ribeiro das Barrocas, o lugar de Sá e ainda parte dos lugares da Forca, da Presa e da Quinta do Gato, prosseguindo o limite pelo canal do Côjo até à dita ponte das Almas. Desta forma, tinha como confinantes as freguesias de Nossa Senhora da Apresentação a ocidente, de Esgueira a norte, e de São Miguel a sul. Contudo, no foro judicial, quase todo o lugar de Sá pertencia a Ílhavo.

A sua primitiva igreja paroquial, sita no Largo de Maia Magalhães, popularmente chamado "Largo da Vera Cruz", estava a construir-se em 1576 e ainda em 1600. Nos finais século XIX, dado o seu adiantado estado de ruína, o edifício acabou por ser demolido, em obediência à decisão de Dezembro de 1876, para em seu lugar se edificar um novo templo que, tendo-se interrompido a obra por falta de recursos financeiros, viu as suas paredes, já na altura da cimalha, apeadas em 1945 pelo camartelo municipal. Entretanto, a sede da paróquia, a administração dos sacramentos e o culto litúrgico haviam sido transferidos provisoriamente, enquanto durasse a empreitada de construção, para a vizinha igreja de Nossa Senhora da Apresentação. Desde então, até hoje, a sede paroquial permaneceu na Igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação, atualmente a única das matrizes da cidade de Aveiro a escapar da total demolição.

Segundo a descrição de Rangel de Quadros, a demolida igreja matriz da Vera Cruz era vasta e de três naves, formadas com cinco arcos de cada lado, sendo semelhante às de Salreu e de Angeja. O teto da capela-mor, que continuava para a sacristia que lhe ficava por trás, desenvolvia-se em abóbada de pedra calcária em caixotões, e fora enriquecida com florões e figuras alegóricas, na mesma pedra, dos quais existem na actualidade algumas peças no Museu de Aveiro. Encostadas às colunas em que assentava o arco-cruzeiro, estavam, sobre peanhas, duas estátuas dos Apóstolos São Pedro e de São Paulo, que hoje existem também estão no mencionado Museu. O dito arco, era ornado com uma bonita sanefa de talha dourada com florões, executada em 1846, que, após a demolição do templo, foi vendida para a igreja paroquial de Salreu. O retábulo principal, que já não era o primitivo, foi transferido para a igreja paroquial de Nossa Senhora da Glória, ex convento de São Domingos de Aveiro, onde se

encontra. Além do retábulo-mor, o templo tinha os seguintes retábulos: junto ao arco-cruzeiro, o altar do Senhor do Terço ou do Senhor Jesus do Bendito e o altar de Nossa Senhora da Luz; no corpo da igreja, o altar das Almas ou de Nossa Senhora dos Anjos, a que correspondia, no lado oposto, a capela e altar do Santíssimo Sacramento.

Ao anexar a freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Aveiro, em 1835, ficou a pertencer-lhe também o território compreendido entre o Canal Central da ria e toda a zona de marinhas, a que hoje chamamos o Bairro da Beira-Mar, anexando também o território da praia de São Jacinto. A maior parte dos pescadores e mareantes de Aveiro e trabalhadores das marinhas de sal, marnotos, viviam nesta península extramuros da então fortificada Vila, arrabalde que veio a denominar-se Vila-Nova de Aveiro. Este lugar, situado ao norte do prolongamento do Esteiro da Ribeira e do Côjo, hoje o Rossio de Aveiro, tinha como principal eixo a rua longitudinal, que unia a Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação à Freguesia da Vera Cruz desde o extremo desta península ao lugar denominado de Sá, limite de fronteira com a Vila de Esgueira.

Esta rua, que originariamente se chamou de Rua Torta, composta por quatro ruas, ruas dos ourives, rua de São Paulo, rua do Carmo e rua de Sá, veio a chamar-se-ia com o correr do tempo Rua da Vila Nova, Rua da Vera Cruz e atualmente Rua de Manuel Firmino.

Já num documento de relação das propriedades que o Mosteiro de Santa Cruz [2] de Coimbra possuía em Aveiro, datado de 1431, aparece para esta região a toponímia distinta de propriedades em billa noua da par daueiro, de propriedades no logo. de saa. e propriedades na. agra de saa a sancta cruz. Também pela documentação pertencente à antiga Confraria de Pescadores de Santa Maria de Sá, no seu livro de Tombo em parte transcrito por Marques Gomes [3], encontramos a referência de Vila Nova de Aveiro, num documento datado de 1441. Nesta documentação verificamos conflitos que remontam pelo menos ao início do séc. XV, entre as gentes do concelho (da vila muralhada) e os de Vila Nova (maioritariamente pescadores, residentes fora das muralhas), por querelas relacionadas sobretudo com a comercialização do pescado [4].

[1] NEVES, Francisco Ferreira - A Confraria dos pescadores e mareantes de Aveiro (1200-1855), A. D. A., vol. 39, 156 (1973), pp. 242-243 [2] in Milenário de Aveiro – Coletânea de Documentos Históricos I – 959 a 1516, Aveiro, Ed. Câmara Municipal de Aveiro, 1959. p. 170 [3] GOMES, António Marques – Subsídios para a História de Aveiro, Aveiro, 1899. p.24-25 [4] in Milenário de Aveiro – Coletânea de Documentos Históricos I – 959 a 1516, Aveiro, Ed. Câmara Municipal de Aveiro, 1959. p. 163

2 - Ponte de Carcavelos



A ponte dos Carcavelos que hoje nos maravilha e está localizada no canal de São Roque foi construída em 1953. Precisamente 11 anos após a queda da ponte original. Segundo o «Correio do Vouga», edição de 19/09/1942 “cheia de pessoas que desejavam ver uma corrida de bateiras, integrada no programa das festas de Nossa Senhora das Febres “, não havendo “desastres graves a lamentar “.

Esta ponte é uma das muitas que ajudam a atravessar os canais da ria de Aveiro. Para além desta função similar a todas as outras a Pontes dos Carcavelos tem 2 particularidades.

A primeira é que esta ponte tinha uma importância capital para as gentes que trabalhavam nas salinas, sendo o ponto de passagem obrigatório para as suas jornadas de trabalho no Sal.

A segunda particularidade é que a ponte dos Carcavelos é também conhecida pela ponte dos namorados. Muitos são os casais que vão apreciar vista do pôr do sol sobre as salinas que

esta ponte proporciona. As fotografias de casal tiradas nesta ponte são também tidas como uma lembrança de uma relação forte que cresceu em Aveiro.

3 - Armazéns do Sal



As casas de madeira eram utilizadas para armazenagem do sal

4 - Mercado do Peixe



A construção da Praça do Peixe, exemplar único da arquitetura de ferro em Aveiro, surge num dos espaços mais típicos da cidade, onde atualmente se encontra grande parte da animação noturna. Remonta à primeira década do século XX desempenhando, desde logo, a função de mercado favorecida pela sua localização privilegiada superior ao Canal dos Botirões (antigo cais do sal e do pescado).

5 - Capela de São Gonçalinho



A Capela de São Gonçalo, também referida como Capela de São Gonçalinho ou de São Gonçalo de Amarante, localiza-se junto a alguns dos canais da Ria de Aveiro, no bairro da Beira Mar, freguesia da Vera Cruz, concelho de Aveiro, distrito de Aveiro, em Portugal.

História

Foi construída em 1714), sob a invocação de São Gonçalo, a quem é atribuído o poder de curar doenças ósseas e a resolução de problemas conjugais.

Festejos em honra de São Gonçalinho

No Domingo mais próximo do dia 10 de Janeiro, os habitantes deste bairro da cidade de Aveiro levam a cabo os festejos em honra de São Gonçalinho. Uma das singularidades destes festejos relaciona-se com o “pagamento” ou cumprimento das promessas, por parte dos fiéis e romeiros do Santo, e que consiste no atirar de cavacas (bolos secos feitos de claras de ovos, farinha e cobertos de açúcar), a partir do corredor lateral que circunda a cúpula da capela, em direção à

multidão que, em baixo e à volta desta, utiliza os mais variados utensílios para apanhar os referidos doces, que depois comem ou levam para as suas casas. São inúmeros os quilos de cavacas que são lançados durante os dias dos festejos.

Outro ritual desta festa, realizado no interior da capela, relaciona-se com a "entrega do ramo" aos mordomos encarregues da romaria do ano seguinte. Trata-se de um ramo de flores artificiais, conservado há muitos anos, tendo, por isso, um alto valor simbólico. A festa de S. Gonçalinho inclui, ainda, a "Dança dos Mancos", ritual realizado também dentro da pequena capela. Esta dança é executada por um grupo de homens que, fingindo-se de mancos e deficientes físicos, se movem, circularmente, mancando e dançando ao som de cantares populares entoados pelos próprios.

Imóvel de Interesse Público

A capela foi classificada pelo IPPAR em 2003 como Imóvel de Interesse Público.

Características

Foi erguida em pedra de Ançã. O portal da sua fachada, igualmente desse tipo de pedra calcária, é encimado por um nicho onde se insere a estátua seiscentista de São Gonçalo de Amarante. O mesmo nicho é enquadrado pelas aletas, que o ladeiam. Os retábulos, no interior, em madeira, são setecentistas.

6 - Cais dos botirões



Cais dos Botirões, Canal de S. Roque e Canal Central Situados na zona da "beira-mar", estes canais serviram outrora de serventia para os barcos moliceiros e saleiros-mercantéis. Conferindo à cidade uma beleza única, forma o sustentáculo de um desenvolvimento económico próspero nos tempos da sua fundação. O canal central, com o caudal mais largo e mais fundo, atravessa a cidade vindo da laguna, onde se podem ver belos exemplares de barcos moliceiros. O canal de S. Roque, uma derivação do canal central, separa a população do ladrilhado imenso de marinhas e pirâmides de sal. Estendiam-se, ao longo desta artéria, os mestres da construção naval dos séculos XV, XVI e XVII, sendo hoje ainda possível admirar alguns dos palheiros que armazenam o sal da safra estival. O cais dos Botirões e o dos Mercantéis ligam o canal de S. Roque à zona do mercado do peixe. É assim um prazer ladear estes braços da ria e deleitarmo-nos com a ambiência pitoresca destas paragens.

7 - Ponte do laço



A ponte pedonal circular de Aveiro, promovida pela Aveiro Pólis, une as quatro margens de dois canais, S. Roque e Botirões faz a ligação entre o Canal da Praça do Peixe (canal dos Botirões) e o Canal de São Roque, abrangendo as margens do Cais dos Mercantéis e do Cais dos Botirões. A ponte é única em Aveiro pela possibilidade de permitir atravessar dois canais e pela forma e desenho.

O projeto é da autoria do arquiteto Luís Viegas, da Faculdade de Arquitetura do Porto e do engenheiro Domingos Moreira, que desenharam a obra. A ponte abriu ao público em 2006 e teve um custo total de 400 mil euros.

A geometria em planta da Obra de Arte é composta por um círculo com 26m de perímetro, a eixo, com 2,0m de largura, localizando-se na tangencia às três margens, materializadas pela confluência do Canal de Botirões no canal de S. Roque.

A obra de arte pode ser caracterizada por um tabuleiro circular suspenso por tirantes metálicos desde o seu limite interior até ao mastro inclinado, que por sua vez é sustentado por barras metálicas amarradas a um maciço de betão. A solução adotada para as fundações indiretas do mastro e do maciço de amarração permitiu a quase completa eliminação de forças horizontais transmitidas ao maciço geotécnico, que não apresenta características competentes de fundação nas suas camadas superficiais.

A ponte permite a circulação a pé, de bicicleta e a utilização por utentes de mobilidade reduzida, pela existência de rampas além do acesso por escadaria. O pavimento de madeira e os tabuleiros encontram-se suspensos por cabos a um mastro composto por dois elementos que configuram, no ar, o anel de amarração.

Dos materiais utilizados destacam-se o mastro de estrutura metálica de secção variável, o passadiço em estrutura metálica em perfis compostos de forma a fazer a geometria circular e as guardas exteriores em vidro curvo.

Com iluminação noturna, a guarda do tabuleiro é composta por um vidro laminado curvo e transparente de forma a não constituir um obstáculo visual à leitura espacial da envolvente e a expressar uma condição de conforto ao nível da fruição do utente.

Devido à singularidade da ponte foi efetuada a monitorização da mesma levada a cabo pelo Departamento de Engenharia Civil da Universidade de Aveiro. A monitorização foi efetuada com ensaios dinâmicos e estáticos, salientando-se a utilização de sensores em fibra ótica.

8 – Praia Fluvial



Mais de 200 anos de história é o que poderá visitar na marinha da Noeirinha. Depois de mais de 30 anos ao abandono, a Marinha da Noeirinha voltou ao ativo com uma área de lazer onde poderás desfrutar do pôr do sol num ambiente calmo.

Neste agradável espaço às portas da cidade de Aveiro, poderá conhecer as salinas, bem como usufruir de uma ampla zona de banhos de água salgada rodeada de areal e com algumas mesas de apoio para um pique-nique. A Marinha da Noeirinha dispõe ainda de uma loja rústica com a venda de produtos locais

9 - Salinas



As Salinas de Aveiro são uma vasta área de exploração de sal localizada na Ria de

Aveiro, Distrito de Aveiro, na Região Centro de Portugal. E assim é a história das salinas de Aveiro!

História

A exploração de sal na região de Aveiro remonta a uma época anterior à existência da própria Ria de Aveiro, sendo o primeiro documento escrito sobre o salgado aveirense anterior à fundação da nacionalidade.[1]

Ao longo dos séculos, a instabilidade da barra (isolamento em relação ao mar) representou um facto decisivo na variação do número e produção das salinas, que se traduziu por períodos de decadência, intercalados por períodos muito favoráveis à produção, como aconteceu em 1572 em que, dada a situação favorável do estado da barra, o elevado e progressivo índice comercial e marítimo, Aveiro se transformou num dos melhores portos de Portugal, havendo um grande incremento na comercialização de sal e na pesca do bacalhau. Em 1808 abriu-se finalmente a barra nova (sistema artificial que permite a entrada de água do mar), facto de excepcional importância para o futuro de Aveiro e de toda a sua região.[1]

Morfologia

Morfologicamente, a Ria de Aveiro é um sistema lagunar. Neste sistema inserem-se os sapais (são um habitat húmido/zona húmida, com vegetação característica que suporta solo salino, designada de vegetação halófila) que marginam as ilhas onde se encontram as salinas. Nas últimas décadas o sapal diminuiu sensivelmente nomeadamente devido à construção portuária.[1]

As salinas, embora sejam um habitat artificial, são de grande valor para as aves aquáticas, permitindo um equilíbrio notável entre o aproveitamento económico de um recurso e a conservação de valores naturais. Ao interesse paisagístico das salinas, acresce o facto de constituírem verdadeiros santuários de biodiversidade mercê das diferenças de salinidade, profundidade e formações vegetais que se encontram no seu interior, permitindo a coexistência, numa área relativamente confinada, de grande variedade de organismos.[1]

Para as aves, as salinas possuem ainda o atrativo de não sofrerem a influência do ciclo diário das marés, mantendo uma reduzida altura de água, oferecendo-lhes portanto condições de alimentação e abrigo particularmente vantajosas. Das trinta espécies de aves da Ria de Aveiro, duas utilizam quase exclusivamente as salinas, nidificando nelas.[1]

Ano após ano, a falta de competitividade da produção tradicional de sal, principal elemento económico que originou a criação de um conjunto de ilhas, onde durante anos a produção de sal era o produto base que sustentava todo o investimento nos muretes de proteção dessas zonas, tem levado a uma progressiva degradação das antigas salinas, agora abandonadas e levará, se nada for feito, à sua destruição. As marés, ou seja, a água, que lhe dá a beleza e o encanto, através da sua ação natural, quer os barcos a motor que hoje circulam pelos canais que não foram preparados para tal atividade, prosseguirão o seu inexorável trabalho de desgaste e destruição. Desta realidade com cinquenta anos subsistem, hoje, no ativo, unicamente, nove salinas. Significa isso que, hoje em dia, a produção é consideravelmente diminuta se comparada com os registos, levantamentos e inquéritos feitos outrora à safra do sal.[2]

Revitalização da atividade das salinas

Salinas de Aveiro em 1967.

Sal - Produto 100% artesanal em que o seu processo de produção está dependente apenas de condições naturais e de intervenção humana. O resultado é um sal de excelente sabor, textura e sob uma forma de apresentação mais virgem. A extração manual do sal é executada por marnotos com instrumentos de madeira não tratada, não existindo assim contacto com qualquer tipo de metais ou substâncias que adulterem o genuíno sabor do sal.[3]

Usado em cosmética - O sal marinho de Aveiro é um dos componentes utilizado em produtos de cosmética. Alguns dos exemplos são: sabão de sal, sais de banho, cremes hidratantes, esfoliantes, bronzeadores e aftershaves. Estes produtos são cem por cento naturais, já que o sal usado é produzido de forma tradicional não sendo submetido a tratamentos prévios.[4]

Flor de sal - Trata-se da fina camada que flutua à superfície das salinas. Os primeiros e frágeis cristais são extraídos, diariamente, de forma cuidadosa. Antes de serem embalados são secos ao sol. A flor de sal é, por norma, usada em saladas, sopas, legumes cozidos e pratos de peixe ou carne grelhados, por forma a acentuar o sabor dos alimentos.[4]

Salicórnia - A exploração dos recursos vegetais das zonas salgadas estuarinas, teve o seu ponto alto na época da apanha do moliço. Contudo, a utilização destas plantas, nomeadamente na alimentação e medicina, só recentemente tem vindo a ser explorada no nosso país, embora já seja uma realidade no estrangeiro com mais de uma década de existência. A Salicórnia ramosíssima, conhecida como salicórnia ou erva-salada, é uma planta anual de cerca de 3–40 cm de estatura, caules carnudos e agradável sabor salgado, com distribuição por todo o litoral de Portugal Continental, encontrando-se habitualmente nas margens dos canais e salinas da Ria de Aveiro. Várias espécies de salicórnia têm vindo a ser utilizadas na alimentação, não só em saladas, ou mesmo como "sal verde" em substituição do sal de cozinha. Vários estudos científicos internacionais sugerem diversas propriedades medicinais para algumas das suas espécies, tais como atividade antioxidante, anti tumoral, diurética e repositora de eletrólitos. Para muitos, esta erva é uma ilustre desconhecida, mas em alguns países da Europa tem o estatuto de gourmet e é utilizada por chefes em restaurantes de luxo como substituto do sal em saladas ou mesmo em pratos mais complexos, como produto fresco ou em conserva (picles).[5]

Projeto educativo - Através de visitas pedagogicamente integradas de escolas, e grupos de estudantes, promovendo o estudo do ecossistema da ria de Aveiro.

Aquacultura - Desenvolvimento de catividades de aquicultura de espécies autóctones da Ria de Aveiro.

Turismo e lazer - Componente turística baseada na divulgação cultural das factividades tradicionais da ria e turismo da Natureza (observação de aves), bem como numa componente específica da pesca desportiva.

10 – Rotunda dos Marnotos - Homenagem Salineiros



O Monumento que pretende personificar as figuras do Marnoto e da Salineira atinge uma altura de 21,60 m por 23,20m de comprimento.

Toda a sua estrutura em aço inox assenta numa base de betão. Divide-se esta última em vários lagos comunicáveis entre si, representando as salinas, local de trabalho do marnoto e da salineira. Das duas formas piramidais, que desenham os montes de sal, descontinam-se umas faixas verticais, que simbolizam os armazéns de sal e as típicas casas da Costa Nova. O módulo de central, que se encontra entre estas duas faixas, é totalmente preenchido por uma queda de água, assemelhando-se às velas do Barco Moliceiro. Deste barco, típico da região, visualizam-se, ainda, a proa e a ré que, de acordo com a sua disposição e conforme o ângulo de visão, permite-nos reconstruir a imagem da embarcação no seu todo.

Historial

Nos princípios de 1987, a Câmara Municipal de Aveiro decidiu erigir um monumento capaz de eternizar duas das figuras mais características de Aveiro e que identificam uma das atividades tradicionais da região – a produção do sal.

O Marnoto é caracterizado por ser uma figura de braços hercúleos, traços morenos e pele bastante bronzeada pelo sol devido às atividades desenvolvidas nas salinas, entre os meados da Primavera e o final do Verão. Apresenta mãos calejadas dos remos e pés endurecidos pelos cristais do sal.

Veste camisa de lã branca sobre a qual usa, em volta do pescoço, um lenço de cor vermelha. Na cabeça protege-se com um chapéu preto, de feltro, com abas largas ou um barrete de fazenda de lã. Para baixo veste bragas ou calcões azuis de algodão, aos quais se chamam manaias. A Salineira tem a árdua tarefa de transportar o sal em canastras de vime (65 – 70 kg), do barco para os armazéns.

Usa saia garrida comprida e blusa de motivos claros, com rendas nas mangas. Por cima da saia, um avental de serguilha e, sobre a blusa, um xaile colorido, de franjas longas, traçado da esquerda para a direita. Normalmente, anda descalça ou calça chinelas pretas envernizadas, enquanto que na cabeça usa um chapéu de aba larga arqueada, onde prende um lenço de lã, também garrido.

Estas personagens praticamente já só pertencem ao passado e tiveram apenas razão de existir inseridas num meio próprio, por sua vez, indissociável das mesmas. Ou seja, quando se fala no Marnoto e na Salineira vêm-nos à memória também as salinas, a água, o sol, o Barco Moliceiro e os palheiros típicos da Costa Nova. Foi precisamente toda esta simbiose que o autor pretendeu condensar num monumento único, de forma a conservá-la viva durante as gerações vindouras. Após uma reflexão demorada, em 1992, a Edilidade aceitou o projeto de António Quintas, cujas execuções colaboraram diversos técnicos municipais e empresas.

O Monumento foi inaugurado na manhã de 12 de Maio de 1994, aquando os festejos do feriado municipal da cidade.

11 – Canal Central



Conhecida como a “Veneza portuguesa”, a encantadora cidade de Aveiro é atravessada por um canal e é tida como um dos destinos mais encantadores do país, graças aos seus coloridos moliceiros, aos edifícios em tons pastel de estilo Arte Nova e à sua tranquila atmosfera urbana – um cenário ideal para as suas férias. Situado na sub-região do Baixo Vouga, entre o oceano Atlântico e as zonas montanhosas dos distritos contíguos, Aveiro exibe uma paisagem muito variada, caracterizada por uma longa costa arenosa, um bonito estuário e diversos parques e jardins.

12 Pontes / Rotunda Aveiro



Pormenores de Aveiro A rotunda situada no centro da Praça General Humberto Delgado, mais conhecida por “Ponte Praça” ou simplesmente por “Pontes”, não é uma rotunda como as outras existentes um pouco pela cidade, e pelo país, porque apesar dos arbustos floridos que a cobrem, o que há sob essa vegetação é... ria.

A praça é conhecida por "Pontes" precisamente por ser constituída por duas pontes paralelas, entre as quais está a rotunda.

Numa cidade de canais e de pontes, a "Ponte Praça" é mais uma originalidade de Aveiro, mas que passa despercebida a muita gente que aí passa diariamente.

13 - Capitania de Aveiro



Edifício da antiga Capitania do Porto de Aveiro, também denominado «Casa dos Arcos» (primitiva Escola de Desenho Industrial Fernando Caldeira)

O edifício da antiga Capitania de Aveiro é considerado um dos mais significativos exemplos de arte nova na região de Aveiro e do país. As obras que recentemente decorram neste espaço transformaram o edifício, de grande simbolismo, na Sala de Visitas da cidade (Câmara Municipal de Aveiro, 2003), encontrando-se aqui instalada a Assembleia Municipal de Aveiro.

A recuperação do imóvel foi um projeto da responsabilidade do Arquiteto Silva Dias, tendo sido inaugurado no dia 25 de Abril de 2004. Para além da Assembleia, está prevista também a instalação de salas de exposições temporárias. Originalmente, o edifício era uma moagem, projetada em 1830 pelo Arquiteto Joaquim José de Oliveira, por encomenda do fundador da Vista Alegre, José Ferreira Pinto Basto. A implantação junto à Ria, com um grande número de arcos submersos, justifica-se pela sua primeira vocação industrial, quando a fábrica de moagem funcionava com moinhos de maré.

Já no final do século XIX, um projeto do arquiteto Augusto Silva Rocha, responsável pela traça de tantos outros edifícios Arte Nova na cidade, adaptou o imóvel à Escola de Desenho Industrial, da qual era o presidente. A denominada Casa dos Arcos apresenta, no primeiro piso da fachada principal, um conjunto de vãos em arco abatido, unidos pelo varandim de serralharia, com motivos florais, de linguagem Arte Nova.

O segundo piso foi-lhe acrescentado já em 1908. O seu desenho procurou respeitar a arcaria inferior, sendo que a cada arco correspondem duas janelas. Ao centro, a varanda em arco abatido é muito semelhante às restantes, destacando-se este corpo central por ser mais alto e rematado por um frontão triangular, ladeado por volutas. Todo o conjunto é coroado por modilhões.

A entrada para o edifício insere-se na fachada lateral esquerda, situada na Rua principal. A porta tem na bandeira gradeamento Arte Nova e, por cima, um painel de azulejo de dimensões reduzidas, azul e amarelo, com o ano de 1918. Esta, deverá corresponder à última intervenção realizada, que coincide com a data em que o imóvel foi adquirido por um comerciante, antes de ser vendido ao Ministério da Marinha, em 1925.

O azulejo, de motivos florais, surge ainda nesta mesma fachada, mas no segundo piso. Do lado esquerdo, a fachada é mais alta, com um torreão rematado por modilhões, e uma janela com azulejos de temática marítima. Os restantes alcoados são relativamente simples, sendo que um portão de gradeamento Arte Nova permite o acesso à zona posterior do edifício.

No novo projeto de reabilitação, assinado por Dias da Silva, a fachada Poente da Capitania foi recuperada, mantendo o seu cromatismo, bem como os elementos decorativos e a relação volumétrica com a cobertura. Por sua vez, a fachada Norte (na Avenida Dr. Lourenço Peixinho), foi reconstruída, e a fachada Sul beneficiou de "um novo desenho com elementos decorativos relacionados com a fachada Poente" (Câmara Municipal de Aveiro).

14 - Estátuas Rotunda



Estas estátuas, não muito grandes, não precisam de legendas e o que representam está bem patente na base das mesmas. Ficam na Ponte Praça, no chamado olho da cidade, a mais movimentada rotunda de Aveiro, na minha ótica. Como se comprehende, as estátuas representam profissões caídas em desuso, mas que estão na memória de muitos aveirenses.

Marnoto

É o tradicional trabalhador das salinas, acompanhante de todas as atividades que elas exigem, dos meados da Primavera ao final do Outono. Era por regra bronzeado do sol de Verão, vestia camisa de lã branca sobre a qual usava, em volta do pescoço, um lenço de cor vermelha, enquanto na cabeça se protegia com chapéu preto de feltro com abas largas. Para baixo, vestia bragas ou calções largos de cor azul em algodão, aos quais chamavam manaias. Da limpeza das marinhas até ao armazenamento do sal ia um leque de trabalhos pesados que, com o tempo e com outras alternativas, desapareceu do espaço da cidade.

Salineira

Figura tradicional da Ria de Aveiro, a salineira teve (tem) ao longo dos tempos um papel preponderante na economia e cultura da região.

O fogueteiro.

Este não precisa de apresentações, é bem notória a sua função. Enquanto os outros se dedicavam ao trabalho, este lançava foguetes em dias de festa

Parceira do Ramo

Completa a quadriglogia fica completa. Esta última estátua representa a figura feminina que usa as roupas tradicionais do dia de festa. Ostentando um longo xaile, na mão direita sustenta um ramo de flores que será entregue aos novos mordomos.

15 - Os Arcos de Aveiro



A Rua dos Mercadores, da freguesia da Vera-Cruz, teve um papel muito importante na vida de Aveiro, durante os séculos XVIII, XIX e a primeira metade do século XX.

A atividade comercial predominava. Era ali que se movimentava grande parte da população aveirense, quer para fazer as suas compras e dar os seus recados quer para se reunir com os amigos.

A rua conserva acentuados traços arquitetónicos setecentistas e evoca um dos nomes mais antigos de toda a toponímia de Aveiro. No entanto, teve já diferentes designações: foi Rua dos Balcões e também Rua dos Sobreireiros, pelo facto de ali existirem guarda-soleiros, tão

procurados por senhoras e senhores da época, que com um ar distinto, próprio da cultura inglesa, usavam os seus graciosos guarda-sóis e pomposos guarda-chuvas. Mais tarde seria, também, conhecida por Rua de Serpa Pinto.

À entrada da Rua dos Mercadores deparamo-nos com "os Arcos", antigo coração da cidade de Aveiro, ponto de encontro de toda a população durante o século XIX e ainda no nosso tempo.

Os "Arcos" eram constituídos por mais duas arcadas, que foram cortadas com o objetivo de alargar a rua. Numa das arcadas estava o "chafariz dos Arcos", entretanto removido para o outro lado do canal, junto da Caixa Geral de Depósitos.

Tal como a Rua dos Mercadores, os "Arcos" tinham como principal atrativo o comércio. Em meados deste século poder-se-iam encontrar, entre outros estabelecimentos comerciais, a livraria de Bernardo Torres, o "Café Cisne" do Sr. Abreu, os estabelecimentos do Sr. Ricardo Pereira Campos, a "Padaria Macedo" e o "Café Barroca".

Naquela época os jornais ainda não tinham como local de venda o "Duarte dos jornais", agora situado na Rua dos Mercadores. Estavam expostos nos "Arcos", em cima de uma cadeira de ferro e eram vendidos pela "Tia Micas".

Assim eram os "Arcos" daquele tempo!

Na Rua dos Mercadores, interessa referir a placa evocativa do grande tribuno aveirense José Estêvão, que identifica o local da casa onde nasceu. Esta moradia com duas frentes (uma virada para a Rua dos Mercadores, outra com acesso para uma rua paralela, a atual, Rua de José Estêvão) é uma obra do arquiteto aveirense Jaime Inácio dos Santos, da segunda década do nosso século.

A casa encontra-se sujeita a obras de recuperação, o que dificulta a sua localização por parte de algumas pessoas menos informadas.

Ainda na rua dos Mercadores, e no seu lado direito, havia a chapelaria do Sr. Augusto Carvalho dos Reis, que vendia boinas, bonés, chapéus e guarda-chuvas, bem como uma loja de fazendas, pertencente ao Sr. Acácio Laranjeira onde, mais tarde, se instalou um barbearia. Na atual Pastelaria Santa Joana funcionou a oficina do sapateiro Casaca, a quem as pessoas recorriam para arranjar o seu calçado.

16 - Calçada Portuguesa



A calçada portuguesa ou mosaico português (ou ainda pedra portuguesa no Brasil) é o nome consagrado de um determinado tipo de revestimento de piso utilizado especialmente na pavimentação de passeios, de espaços públicos, e espaços privados, de uma forma geral. Este tipo de passeio é muito utilizado em países lusófonos.

A calçada portuguesa resulta do calcetamento com pedras de formato irregular, geralmente em calcário branco e negro, que podem ser usadas para formar padrões decorativos ou mosaicos pelo contraste entre as pedras de distintas cores. As cores mais tradicionais são o preto e o branco, embora sejam populares também o castanho e o vermelho, azul cinza e amarelo. Em certas regiões brasileiras, porém, é possível encontrar pedras em azul e verde. Em Portugal, os trabalhadores especializados na colocação deste tipo de calçada são denominados mestres calceteiros.

O facto de a rocha mais comum para estabelecer o contraste seja de cor negra, faz com que se confunda a rocha mais utilizada, o calcário negro, com basalto. De facto, existe calcário de várias cores. O basalto apenas é utilizado nas ilhas, onde é abundante, sendo aí os desenhos executados em calcário branco. Quando é basalto, distingue-se pelo maior mate e pela sua maior irregularidade no corte, pois este é muito mais rijo. Simplesmente não é possível executar com o martelo, os detalhes técnicos dos motivos elaborados presentes na calçada lisboeta.

A calçada à portuguesa, tal como o nome indica, é originária de Portugal, tendo surgido tal como a conhecemos em meados do século XIX. Esta é amplamente utilizada no calcetamento das

áreas pedonais, em parques, praças, pátios, etc. No Brasil, este foi um dos mais populares materiais utilizados pelo paisagismo do século XIX, devido à sua flexibilidade de montagem e de composição plástica. A sua aplicação pode ser apreciada em projetos como o do Largo de São Sebastião, construído em Manaus no ano de 1901, cujo motivo do tipo mar largo inspirou também o famoso calçadão da Praia de Copacabana (uma obra de do prefeito Paulo de Frontin, expandida por Roberto Burle Marx) ou nos espaços da antiga Avenida Central, ambos no Rio de Janeiro.[1][2]

História

Monumento ao Calceteiro, de Sérgio Stichini, diante da Igreja de São Nicolau, em Lisboa. Apesar dos pavimentos calcetados terem surgido no reino por volta de 1500, a calçada à portuguesa, tal como a entendemos hoje, foi iniciada em meados do séc. XIX. A chamada "calçada à portuguesa", em calcário branco e negro, caracteriza-se pela forma irregular de aplicação das pedras. Todavia, o tipo de aplicação mais utilizado hoje, desde meados do séc. XX, designado por "calçada portuguesa", é aplicado com cubos, e tem um enquadramento diagonal. "Calçada à portuguesa", e "calçada portuguesa" são coisas distintas.

A calçada começou em Portugal de forma diferente da que hoje é, mais desordenada. São as cartas régias de 20 de Agosto de 1498 e de 8 de Maio de 1500, assinadas pelo rei D. Manuel I de Portugal, que marcam o início do calcetamento das ruas de Lisboa, mais notavelmente o da Rua Nova dos Mercadores (antes Rua Nova dos Ferros). Nessa época, foi determinado que o material a utilizar deveria ser o granito da região do Porto, que, pelo transporte implicado, tornou a obra muito dispendiosa.[3] O objetivo seria que a Ganga, um rinoceronte branco, ricamente ornamentada, não sujasse de lama com o calcar das suas pesadas patas, o numeroso e longo cortejo, com figurantes aparatosamente engalanados com as novas riquezas e adornos vindas do oriente, que saía à rua em pleno inverno, aquando do seu aniversário a 21 de Janeiro.

A comitiva ficava manifestamente suja, daí a decisão de calcetar as ruas do percurso como forma de dar resposta ao problema. Sendo a única vez no ano em que o rei se mostrava à população vem daí a expressão: "Quando o rei faz anos..."

O terramoto de 1755, a consequente destruição e reconstrução da cidade lisboeta, em moldes racionais mas de custos contidos, tornou a calçada algo improvável à época. Contudo, já no século seguinte, foi feita em Lisboa no ano de 1842, uma calçada calcária, muito mais próxima da que hoje mais conhecemos e continua a ser utilizada. O trabalho foi realizado por presidiários (chamados "grilhetas" na época), a mando do Governador de armas do Castelo de São Jorge, o tenente-general Eusébio Pinheiro Furtado. O desenho utilizado nesse pavimento foi de um traçado simples (tipo zig-zag) mas, para a época, a obra foi de certa forma insólita, tendo motivado cronistas portugueses a escrever sobre o assunto. Em O Arco de Sant'Ana, romance de Almeida Garrett, também essa calçada na encosta do mesmo castelo seria referida, tal como em Cristalizações, poema de Cesário Verde.

Após este primeiro acontecimento, foram concedidas verbas a Eusébio Furtado para que os seus homens pavimentassem toda a área da Praça do Rossio, uma das zonas mais conhecidas e mais centrais de Lisboa, numa extensão de 8 712 m².

A calçada portuguesa rapidamente se espalhou por todo o país e pelas colónias, subjacente a um ideal de moda e de bom gosto, tendo-se apurado o sentido artístico, que foi aliado a um conceito de funcionalidade, originando autênticas obras-primas nas zonas pedonais. Daqui, bastou somente mais um passo, para que esta arte ultrapassasse fronteiras, sendo solicitados mestres calceteiros portugueses para executar e ensinar estes trabalhos no estrangeiro.

Em 1986, foi criada uma escola para calceteiros (a Escola de Calceteiros da Câmara Municipal de Lisboa), situada na Quinta do Conde dos Arcos. Da autoria de Sérgio Stichini, em Dezembro de 2006, foi inaugurado também um Monumento ao Calceteiro, sito na Rua da Vitória (baixa Pombalina), entre as Rua da Prata e Rua dos Douradores. Atualmente, encontra-se na Praça dos Restauradores, onde foi colocado depois de ter sido vandalizado e recuperado.

Erradicação

Nas últimas décadas, diversas cidades no mundo vêm substituindo suas calçadas históricas, incluindo mosaicos portugueses, por passeios mais práticos e seguros. No caso de Verona e Sevilha, foram adotadas placas de granito e mármore, preservando-se os pisos históricos em faixas laterais.[4]

No Brasil, em 2007, a prefeitura de São Paulo substituiu os mosaicos portugueses da Avenida Paulista, existentes desde 1973, por pisos de concreto. No final de 2017, surgiu a proposta de expandir tal prática para áreas de toda a região central da cidade.[4]

Em 2014 a Câmara Municipal de Lisboa, presidida por António Costa, alegando questões de segurança, conseguiu aprovar na Assembleia Municipal um plano de erradicação da calçada Portuguesa, substituindo-a por lajes de cimento. O mesmo acontecera na cidade do Porto em 2005. Na sua zona central, a calçada portuguesa, que possuía desenhos que ilustravam a história do vinho do Porto, foi completamente erradicada e substituída por pedras de granito.[5]

A técnica

Vários tipos de aplicação de calçada.

Os calceteiros tiram partido do sistema de diáclases do calcário para, com o auxílio de um martelo, fazerem pequenos ajustes na forma da pedra, e utilizam moldes para marcar as zonas de diferentes cores, de forma a que repetem os motivos em sequência linear (frisos) ou nas duas dimensões do plano (padrões).

A geometria do século XX demonstrou que há um número limitado de simetrias possíveis no plano: 7 para os frisos e 17 para os padrões.[6][7]

Em Lisboa, um trabalho de jovens estudantes portugueses registou, nas calçadas da cidade, 5 frisos e 11 padrões, atestando a sua riqueza em simetrias.[8]

17 - Moliceiros



Moliceiro é o nome dado aos barcos que circulam na Ria de Aveiro, região lagunar do Rio Vouga. Estas embarcações eram originalmente utilizadas para a apanha do moliço, mas atualmente são mais usadas para fins turísticos.

É um dos ex-libris de Aveiro, em conjunto com os Ovos Moles e a Universidade de Aveiro. De entre os barcos típicos da região, o moliceiro é considerado o mais elegante; apesar da decoração colorida e humorística, é um barco de trabalho para a apanha do moliço, o qual era a principal fonte de adubagem nas terras agrícolas de Aveiro.

Descrição

São barcos de borda baixa para facilitar o carregamento do moliço. Os moliceiros têm uma proa e uma ré muito elegantes que normalmente estão decorados com pinturas que ridicularizam situações do dia a dia. O comprimento total é cerca de 15 metros, a largura de boca 2,50 metros. Navega em pouca altura de água. O castelo da proa é coberto. Como meios de propulsão usa uma vela, a vara e a sirga. A sirga é um cabo que se utiliza na passagem dos canais mais estreitos ou junto às margens, quando navega contra a corrente ou contra o vento. É construído em madeira de pinheiro.

Passeios turísticos

São realizados diversos passeios de barco moliceiro em Aveiro, no entanto o mais comum é o passeio pelos 4 canais urbanos da Ria: Canal Central, Canal da Pirâmides, Canal do Cojo e Canal de São Roque. Ao longo deste passeio de barco pode-se apreciar os edifícios históricos de Arte-Nova, as marinhas de sal de Aveiro, os palheiros de sal, os armazéns de peixe, diversas pontes, com especial destaque para a ponte de Carcavelos, a zona moderna da cidade com

especial destaque para o Fórum Aveiro e o Mercado Manuel Firmino. E no final do Canal do Cojo a Fábrica de cerâmica campos, hoje recuperada para alojar a Câmara de Aveiro, o Instituto de emprego e o Centro de Congressos de Aveiro

18 - Museu de Arte Nova



O Museu Arte Nova de Aveiro, sedeado num dos imóveis mais emblemáticos entre o património desta corrente artística, é o centro interpretativo da extensa rede de motivos Arte Nova disseminados por toda a cidade de Aveiro.

Mais do que repor o ambiente ornamental de uma habitação Arte Nova, este núcleo museológico trata a Arte Nova como argumento didático, pretendendo levar o visitante a refletir sobre os pressupostos da revolução estética que este movimento proporcionou, e melhor compreender os seus reflexos que ainda se manifestam na atualidade.

A visita a este núcleo não fica completa sem a visita à casa de Chá situada no rés-do-chão. Durante o dia com um ambiente mais calmo e relaxante permitindo tirar partido da beleza do próprio edifício, transforma-se à noite num dos bares mais animados da cidade, com música ao vivo durante os fins-de-semana.